

O ESCLARECIMENTO COMO CAMINHO PEDAGÓGICO PARA A SAÍDA HUMANA DAS CAVERNAS DA IGNORÂNCIA: UM DIALÓGO ENTRE PLATÃO E IMMANUEL KANT

Lucas Moura de Souza ¹
Emmanoel de Almeida Rufino ²

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender as razões pelas quais o esclarecimento racional pode e deve libertar os sujeitos de situações de ignorância e, em vista da consecução desse objetivo, organizamos nosso estudo em três passos específicos de análise: primeiramente, examinamos como a alegoria da caverna se revela uma metáfora platônica sobre a necessidade de se usar a razão para iluminar os caminhos da mente humana para escapar da ignorância. No segundo momento, examinamos como e porquê o filósofo Immanuel Kant pensa a importância dos indivíduos humanos usarem todo o potencial esclarecedor de sua razão. Por fim, interseccionando os autores em questão, analisamos as razões e consequências pedagógicas dessa investitura que Platão e Kant dão à razão humana. Em suma, finalizamos nosso estudo pensando o esclarecimento racional como caminho pedagógico para que os indivíduos humanos possam sair das várias “cavernas” da ignorância que desponta em sua história civilizatória. Afinal, se orientarmos nossa memória à famosa alegoria da caverna de Platão, é perceptível que o mundo de hoje é cheio de espaços/situações de alienação que aprisionam os sujeitos a cenários turbidos de sua própria realidade.

Palavras-chave: Educação, Esclarecimento, Immanuel Kant, Platão.

INTRODUÇÃO

Em revisão à experiência humana na história, é indubitável afirmar que sua evolução social – manifesta, por exemplo, com o desenvolvimento sucessivo de suas tecnologias e o amadurecimento de sua racionalidade política – reflete a remissão de suas ações à influência de seu potencial de inteligência. Mesmo antes do anunciado iluminista kantiano de que os seres humanos devem ousar saber, caso queiram criar um mundo cada vez melhor, os indivíduos dessa espécie já vêm ousando em dar vazão às potências de sua inteligência, até mesmo quando o assunto é a dominação de outros seres humanos. É-nos, pois, evidente, contudo, que os seres humanos podem – e, segundo alguns autores, *devem* – buscar esclarecer-se cada vez mais não só para se inserir na construção de um mundo mais livre e capaz de otimizar o potencial coletivo de inteligências, como de se livrar da alienação daqueles que, usando um viés heteronômico e instrumental de racionalidade, queiram agir na perspectiva inversa. O alerta à importância do

¹ Estudante do Curso Técnico em Instrumento Musical Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, lucasmoura180204@gmail.com

² Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, emmanoel.rufino@ifpb.edu.br.

bom uso da razão humana por eles mesmos desponta com grande destaque à tradição ocidental por meio do pensamento dos filósofos Platão e Immanuel Kant. Para ambos, esse *bom* uso pressupõe ao menos duas coisas, a saber, o uso de seu potencial e a aplicação ética do mesmo. Para eles, a tarefa de (re)pensar o uso da razão deve ser sempre retomada a fim de que os indivíduos para construir um mundo verdadeiramente bom, sem subterfúgios alienantes e opressores.

Diante do contexto acima disposto, interessamo-nos por investigar uma problemática que sempre assume novas máscaras na história humana: como e por que o esclarecimento racional pode e deve libertar os sujeitos de situações de ignorância? Conforme se verá a seguir, organizaremos a investigação desse problema a partir de dois filósofos da tradição ocidental para quem a razão deve ser o fator fundamental que os humanos devem investir para a guia qualificada de sua vida, na construção do conhecimento e da melhoria do seu mundo. Nosso objetivo geral é, portanto, compreender a importância do esclarecimento racional para a saída das cavernas da ignorância à luz de Platão e Immanuel Kant.

A fim de conseguir responder a essa problemática, disporemos nossa análise seguindo três momentos específicos de análise: primeiramente, examinaremos como a alegoria da caverna se revela uma metáfora platônica sobre a necessidade de se usar a razão para iluminar os caminhos da mente humana para escapar da ignorância. No segundo momento, examinaremos como e porquê o filósofo Immanuel Kant pensa a importância dos indivíduos humanos usarem todo o potencial esclarecedor de sua razão. Por fim, interseccionando os autores em questão, analisaremos as razões e consequências pedagógicas dessa investitura que Platão e Kant dão à razão humana. Em suma, finalizaremos nosso estudo pensando o esclarecimento racional como caminho pedagógico para que os indivíduos humanos possam sair das várias “cavernas” da ignorância que desponta em sua história civilizatória. Afinal, se orientarmos nossa memória à famosa alegoria da caverna de Platão, é perceptível que o mundo de hoje é cheio de espaços/situações de alienação que aprisionam os sujeitos a cenários turbidos de sua própria realidade.

O que dissemos no trecho imediatamente anterior sublinha a relevância deste estudo, especialmente num tempo complexo como o nosso, em que o “boom” informacional que acessamos (especialmente pela globalização da internet) nos dispõe a muitos sentidos discursivos, interesses políticos, dentre outros. Ora, se a dominação da mente alheia (por meio de algum subterfúgio estratégico) é uma antiga disposição humana para manipular contextos e conquistar metas que envolvem – especialmente – dinheiro e/ou poder, pensar o uso qualificado da razão é uma atividade renovadamente destacada como importante por vários pensadores,

como o veremos com Platão e Kant, autores – aliás – de épocas diferentes (um da Antiguidade, o outro da Modernidade). Em tempos de “fake news”, encontrar as razões pedagógicas do uso da razão humana para o fomento de sua autonomia e compreensão emancipada de seu lugar no mundo revela-se – para nós – motivo urgente, especialmente quando pensamos que a qualificação da vida civilizatória depende da soma das forças intelectuais e psíquicas humanas.

METODOLOGIA

A realização do presente estudo assumiu uma tipologia teórica, justificando o uso de materiais bibliográficos. A partir disso e considerando os objetivos específicos que delimitamos, assim organizamos as estratégias metodológicas de nosso estudo bibliográfico: num primeiro instante, a fim de examinarmos como a alegoria da caverna se revela uma metáfora platônica sobre a necessidade de se usar a razão para iluminar os caminhos da mente humana para escapar da ignorância, faremos uso prioritário da obra *A república* (2005), de Platão, onde está exposta a alegoria da caverna (especialmente no Livro VII).

Na segunda etapa de nossa pesquisa, a fim de examinarmos as razões pelas quais o filósofo Immanuel Kant pensa a importância dos indivíduos humanos usarem todo o potencial esclarecedor de sua razão, buscamos fundamentos de leitura no texto *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento* (1783), de Immanuel Kant. Nesse texto, Kant lança os pilares do iluminismo filosófico quanto à crença de que o uso do potencial racional – por parte dos indivíduos – levaria a civilização ao progresso, já que, como Platão, Kant associa a ignorância ao retrocesso da civilização humana. No terceiro momento de nosso estudo, sintetizaremos nossas leituras anteriores e outras secundárias, que estarão dispostas nas referências, que serão apresentadas no fim deste artigo.

Ressaltamos, nossa escolha por Platão e Immanuel Kant se justifica pela relevância que esses autores tem no cenário filosófico ocidental, mas especialmente na constituição de uma tradição cultural que pressupõe o uso autônomo da razão como fonte da libertação humana das amarras da ignorância, que, segundo eles sugerem, funda o limiar entre o progresso e a involução civilizatória.

Tais estratégias metodológicas nos fazem crer ser possível viabilizar adequadamente o desenvolvimento das demandas específicas de análise que projetamos e anunciamos anteriormente, o que nos capacita a resolvermos a problemática deste estudo.

DESENVOLVIMENTO

1 O mito da caverna de Platão e o uso da razão como fonte de libertação da ignorância

Segundo nos narra Platão (2006) em sua obra *A república*, a alegoria da caverna conta a história de alguns prisioneiros que haviam sido colocados dentro de uma caverna desde que nasceram. Lá a única coisa que eles conseguiam ver eram sombras projetadas pelos guardas; diante desse cenário, eles viviam pensando que aquilo que viam – as sombras – era a verdade absoluta de suas vidas. Em um certo dia, um dos prisioneiros conseguiu se libertar e ver o que havia do lado de fora. A primeira coisa que ele viu foi a luz do sol, e como nunca ocorria de ter saído da caverna, demorou para que se acostumasse; porém, ele se admirou com as novas descobertas que havia feito. O prisioneiro quis compartilhar o que tinha visto com seus colegas de cela e então decidiu voltar a ela, onde poderia falar das maravilhas que havia visto fora da caverna. Diante da presença desse antigo prisioneiro (agora liberto), os outros não acreditaram em suas palavras e, diante de sua insistência com uma realidade que lhes era estranha (o mundo exterior à caverna), taxaram-no de louco e o mataram.

Se pensarmos na alegoria da caverna olhando para a nossa sociedade atual, podemos ver que muitos estão se acomodando na ignorância e se fechando em cavernas alienantes, apegando-se, assim, a ideias pré-estabelecidas sem questionar seus fundamentos, ou seja, pensando e fazendo tudo o que lhe circunda no conforto de quem não quer ir em busca do porquê. Quem vive nas cavernas do pensamento vive na constante busca por evitar o pensamento, a reflexão, simplesmente aceitando o conhecimento alheio que se é passado. Muitas das vezes, se apoiar no pensamento alheio e não procurar sair dessa caverna da ignorância faz com que os indivíduos se tornem demasiadamente manipuláveis. A dificuldade de pensar a partir de si próprio faz com que as pessoas se tornem alienadas, somente acatando o pensamento alheio, sem nem mesmo saber o significado posterior disso.

A alegoria da caverna (escrita por Platão) não só nos mostra como as pessoas se prendem à ignorância, mas também expõe que quem consegue sair de sua zona de conforto e vivenciar um mundo que vai além do pensamento comum tende a ser criticado e questionado por fazê-lo, não obtendo a aprovação dos que se retém ao conforto da “caverna”, esse espaço da ignorância (sempre mais cômodo, por não exigir dos sujeitos o salto em direção ao desconhecido, ao novo que amedronta). Um exemplo que pode ser usado nesse contexto é o livro “O admirável mundo novo” de Aldous Huxley (1932), que conta a história de um personagem que vive em uma sociedade totalmente alienada e quer ir além da caverna, pois se sente infeliz onde habita. O

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

protagonista dessa história consegue ver que existe mais do que o que era imposto sobre ele na sociedade conta da própria população dependente e alienada.

Para Platão, o mito da alegoria da caverna aponta para a existência de dois mundos: o mundo das ideias e o mundo dos sentidos. O mundo dos sentidos sinaliza para a realidade onde existem as coisas sensíveis, mutáveis e, portanto, onde a verdade de cada coisa no universo está em sua forma perfeita. Já o mundo das ideias sinaliza para a realidade metafísica onde se encontram todas as verdades e conhecimentos em suas formas perfeitas. Dessa forma os prisioneiros da alegoria da caverna estão no mundo dos sentidos, onde estão cegos pela ignorância e onde o único conhecimento que têm se dá a partir de seus sentidos; e no momento em que o prisioneiro se liberta e consegue ver o que há no exterior da caverna, ele consegue chegar na dimensão da realidade que Platão associa ao mundo das ideias, ou seja, a dimensão que está para além do mundo dos sentidos. Assim como na referida alegoria, o mundo em que vivemos é o mundo dos sentidos, sendo essa a nossa caverna da ignorância, onde os indivíduos não conseguem agir por concluir novos pensamentos através da razão e sim da repetição. No momento em que o prisioneiro sai da caverna, ele atingi o ápice de seu conhecimento e curiosidade e vê a verdadeira forma das coisas, que antes não poderia acessar em sua plenitude, por dispor apenas dos próprios sentidos.

2 O esclarecimento como caminho pedagógico para a saída da ignorância segundo Immanuel Kant

No final do século XVIII, Kant foi instado a responder sobre em que consistia o esclarecimento/iluminismo (*Aufklärung*). Respondeu com uma famosa carta chamada “Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?”. O texto inicia com sua defesa central sendo exposta: o progresso civilizatório depende do uso do potencial racional humano que, segundo Kant, ainda é subutilizado. Certamente, Kant está remetendo sua crítica a muitos que ainda seguem uma vida heteronômica, pensando suas vidas à luz dos sentidos proferidos por outros, sem ousarem saber por conta própria, sem se disporem ao constante exercício da crítica, tão necessária – segundo esse autor – para se evitar também o ingresso de si em realidades alienadas e alienantes.

Para Kant, os sujeitos que não utilizam do seu potencial racional acabam por existir como infantes, ingenuamente, de modo que a saída dessa condição de menoridade – pela qual é o próprio culpado – é caminho decisivo à maturação humana e ao desenvolvimento de um mundo mais livre, igual e fraterno (bandeiras do iluminismo). A menoridade da razão é –

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

segundo Kant (2011) – a incapacidade de servir-se do entendimento particular sem direção alheia.

Há uma preocupação latente no referido texto de Kant: a falta de coragem de sair das correntes da ignorância é sempre muito sedutora aos indivíduos; é comum que as pessoas prefiram viver em sua minoridade pelo maior nível de conforto que decorre dessa opção, já que para quem não se faz necessário pensar profundamente e autonomamente sobre algo, não se faz necessário se comprometer com as consequências do pensamento crítico.

Nos dias que ocorrem, mas desde há muito, é comum o surgimento de procedimentos humanos de dominação de humanos que, em suas bases estratégicas, buscam anular o pensamento crítico, suscitando a resignação dos sujeitos. Como Kant lembra, os indivíduos costumam dispor da possibilidade de contar com alguém para o exercício de determinadas especialidades/funções e, podendo simplesmente pagar por esse serviço (para abster-se de qualquer problema), tendem a se acomodar, por não precisarem necessariamente exercer qualquer tipo de esforço crítico-reflexivo. Portanto, de acordo com Kant (2011), a minoridade da razão se tornou – para muitos – parte de sua natureza humana, não porque ela assim se constitua, mas por conveniência e comodidade do homem. Em outras palavras, quando tornamos a preguiça e a covardia do pensamento algo cultural (ou por não sermos ensinados a pensar por conta própria, só repetindo comportamentos que nos são passados desde cedo, ou por não queremos fazê-lo), estamos colaborando à degradação cultural de nossa civilização, porque alienada, uma civilização se arrisca às ações bárbaras da ignorância. Na maioria das vezes, sair do tradicional gera medo por exigir que se dê um salto inseguro e visto que muitos não são educados ou tem coragem para isso.

Para alguém que se queira esclarecido, o cultivo da liberdade é uma exigência básica. Contudo, notamos que, apesar de não ser uma exclusividade contemporânea, em nossa época há muitos que enaltecem a ação sem uma reflexão prévia que pondere suas causas e efeitos: um ativismo irrefletido. A falta de autonomia das pessoas e o “não uso” da razão faz com que elas percam as rédeas de suas vidas, sendo então dominadas por outras mentes (mesmo que conscientemente), tornando-se altamente manipuláveis. Por isso, Kant sublinha o dever de se valorizar a ousadia de saber (*sapere audi*), para que consiga sair da inação e conduzir vida à maioridade racional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises que desenvolvemos anteriormente acerca de como Platão e Kant pensam a importância do uso da razão como forma de libertação dos indivíduos humanos da ignorância nos mostram uma constante que, marcante nesses pensadores decisivos à configuração da tradição ocidental, revela que essa mesma tradição valoriza sobremaneira o uso do potencial racional humano como condição *sine qua non* da evolução civilizatória. Agora, queremos pensar os efeitos dessa opção no âmago da ideia de educação.

Podemos ver que na atualidade, o modelo educacional vem mostrando tentar ultrapassar essas cavernas criando estratégias para que os alunos consigam fomentar suas próprias opiniões, refletindo padrões pré-estabelecidos. Assim, a educação escolar não se torna apenas um lugar de mera estocagem de diversas disciplinas e conhecimentos técnicos na mente humana, mas um lugar onde os indivíduos consigam encontrar/decifrar sentidos e si mesmos e no mundo ao redor, libertando-os de aversões interiores e exteriores.

À luz de Platão e Kant, desponta a defesa de que a escola proporcione caminhos que promovam a potência crítica dos estudantes, já que – na esteira do “conhece-te a ti mesmo” socrático, nenhum ser humano dotado de faculdades mentais preservadas é incapaz de evoluir racionalmente. É missão da escola suscitar cenários fecundos e abertos aos sujeitos para que possam desenvolver sua autonomia, tanto individualmente – na sua vida íntima – como em suas interações sociais, promovendo uma maior capacidade dos sujeitos de estabelecer interações mútuas e desenvolvendo um ambiente social inclusivo. Nesse cenário de abertura do pensamento, favorece-se a troca de conhecimentos e o aprendizado mútuo dos alunos, porque esse processo estimula que cada um saia de sua zona de conforto e aprendam entre si. Sob os conselhos de Platão e Kant isso seria ideal: estimulando o pensamento, que as ações pedagógicas promovidas no âmbito da educação escolar escapam da lógica burocrática que engessa o pensamento por apenas promover a reprodução de informações. Para eles, se a educação não emancipa os sujeitos ela não serve, já que sua função é promover uma civilização mais ilustrada, que saiba usar seu conhecimento para o bem comum.

Assim como a escola é um ambiente potenciantemente propício para a saída do indivíduo das cavernas da ignorância, ela deve se precaver para que o primeiro contato dos que nela entram seja promotor de experiências prazerosas de aprendizado. O sistema educacional que temos hoje – especialmente no Brasil – cobra muito a eficiência técnica dos estudantes, porque é um sistema baseado em notas, forçando com que o aluno aprenda uma quantidade enorme de assuntos, sem explorar o pensamento crítico do aluno. Creemos que esse modelo tende a atrofiar a liberdade crítica dos estudantes, o que de acordo com Kant constitui uma forma de obstar o

esclarecimento valorizando a ação e alienando os alunos para que eles se adequem a uma tendência tecnicista e sejam moldados para o mercado de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, nosso estudo pensou o esclarecimento racional como caminho pedagógico para que os indivíduos humanos possam sair das várias “cavernas” da ignorância que desponta em sua história civilizatória. Ao orientarmos nossa memória à famosa alegoria da caverna de Platão, percebemos que o mundo de hoje é cheio de espaços/situações de alienação que aprisionam os sujeitos a cenários turbidos de sua própria realidade e, como instituição responsável pela transmissão formal dos códigos culturais aos indivíduos, a escola tem um papel muito relevante na formação de indivíduos não só inteligentes (ou seja, ou seja, dotados de informações técnicas nas várias áreas do conhecimento), mas sujeitos críticos, capazes de interpretar sua realidade autonomicamente, postura reclamada por Kant para uma civilização que pretenda o progresso.

Esse ode que Platão e Kant fazem ao valor do (auto)conhecimento se faz distinto porque é historicamente comum vermos as sociedades construindo cenários de ignorância que são verdadeiras cavernas ao desenvolvimento da vida humana, seja em nível locais, ou mesmo globais. Lembramos dos riscos de uma sociedade que se feche ou seja fechada em cavernas de ignorância. Por isso urge que retomemos as admoestações dos autores que aqui estudamos no tocante à busca pelo esclarecimento racional.

REFERÊNCIAS

- PLATÃO. **A república**. Tradução de J. Guinburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento**. São Paulo: Via Verita, 2011.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Reino Unido: Antígona, 1932.